

CATEGORIA: *Poesia*

2ª menção honrosa

MENSAGENS

Maria Antónia Marques Bastos

I - *brasão*

o rosto era ainda sem imperfeições
cheio de óculos e tranças
e eu criança não sabia.

não sabia que existiam crianças com síndrome de down
que num dia os olhos movem-se mais de cem mil vezes
ou que na guiné se extraí o clitóris às mulheres.

não tinha seios nem verniz nas unhas
quando passeávamos
estrada nacional fora: meu pai, minha mãe, eu criança.

eu criança deitada no banco de trás
de um datsun azul barulhento e terno
contando as pontes da peregrinação.

íamos atrás das aparições
e as aparições atrás de nós
porém nunca esquecíamos o almoço – desconhecia.

desconhecia mapas, auto-ocorrências e estatísticas rodoviárias
de brincadeira catraia ia somando as pontes, sem saber
que as pessoas se atiravam das pontes que eu contava.

trazíamos sempre uma recordação local
com etiqueta de um país estrangeiro
e no regresso, feliz, contava e cantava ao mesmo tempo – ignorava.

ignorava que teria um acidente ao pensar em ti
contrafazendo, mentindo aos outros
ao dizer que me distraíra com a estação da rádio.

chegava a casa dormindo
mais inocente que na partida
no veloz sono estranhando.

estranhando que correria quilômetros de sangue e de ti
que no carro gastaria mais lágrimas que gasolina
por isso guardo os sentimentos na caixa de velocidades.

dantes contava pontes
hoje conto os animais mortos nas estradas.

II – *mar português*

costumavas ser assim naqueles dias: o sol quente e indolente e a reposição dos suspiros de água no fim da tarde, remando o conhecimento em canoas e as conversas no bico dos pássaros. esperavas-me nas bombas de gasolina, no centro da vila, circundando-me as convicções e o ventre. bebias a cidade com os olhos e, depois da tua boca de música, eu ficava longas épocas a contemplar-te a escrever com a mão esquerda. a primeira vez, levei-te ao cemitério onde está enterrado camilo e seduzi-te no meio dos mortos.

mas tu deixaste de ser assim naqueles dias para te tornares aparição nas minhas noites, em que eu dormia com o candeeiro aceso porque via aranhas e crocodilos a toda a hora; um ano que dormi com a luz acesa com medo que aparecesses. eu, sempre fascinada pela amante quinhentista esperando o marido descobridor, comecei à procura do teu nome nas campas mais antigas. mas penso que os mortos não nos deixam livros e poemas devolvidos à porta de casa, onde já não moro, onde já não mora ninguém a não ser um fantasma.

e tu com as tuas fotografias e camisas sombrias, a falar de cartier-bresson e de witkin; eu com os meus livros e uma blusa nova, a falar-te do al berto e da luísa ducla soares, os botões soltos soltando o apetite, sem saber ao certo as charadas do corpo. o primeiro beijo veio com uma estrela cadente e muitos peixinhos, a sentir-me segura nas tuas mãos transmontanas onde fui buscar magníficos cigarros. metade do coração não paga a hipoteca da saudade.

já não choro na casa-de-banho nem atendo clientes. até já mudei de profissão. passado quase quatro anos, já não vou ao café da praia e até já esqueço a data do teu aniversário. passado quase quatro anos, lembro-me de ti todos os dias. há atalhos por onde fomos e dos quais eu não sei regressar. nunca mais me escreveste de espanha, mas pelo menos nunca mais tive que me despir. durante muito tempo imaginei que por um acaso, por mil motivos, nos iríamos reencontrar. pensei que seria até encantador se me atropelasses na rua. e agora, quando semanalmente te encontro no bar mais bonito da cidade e nos ignoramos, sinto um desejo ácido, entupido, e secam-me todas as definições.

III – *encoberta (regeneração)*

quando eu era bonita
não tinha passado
caminhava sobre os espelhos
e mordia-te com dentes verdadeiros

já não sou bonita
vendi a memória
em troca de uma muleta
e de um caderninho
para anotar a receita do bolo de chocolate
e recordações que esqueci
as aranhas vivem penduradas
nas minhas rugas
à espera dos meus netos
que hão-de chegar
quando eu for criança